Estudo XII
EXPLICAÇÃO DA TABELA QUE REPRESENTA O PLANO DAS ERAS

As Eras — As Colheitas — Os planos de justificação imputada e efetiva — O proceder do Nosso Senhor Jesus Cristo — O proceder dos seus seguidores — As três classes na igreja nominal — A separação no tempo da colheita — A glorificação da classe ungida — A classe da grande tribulação — A queima do joio — O mundo abençoado — O glorioso resultado.

NO FIM deste volume apresentamos uma tabela que representa o plano de Deus para a salvação do mundo. Nela temos nos empenhado em prover um auxílio à mente, por meio da visão, para que esta possa compreender algo acerca do caráter progressivo do plano de Deus, e dos passos progressivos que devem dar todos aqueles que desejam obter a completa transformação da natureza humana em divina.

Em primeiro lugar temos um esboço das três grandes dispensações **A**, **B**, **C**, - a primeira destas, **A**, abrange o período de tempo compreendido desde a criação do homem até o dilúvio. A segunda, **B**, desde o dilúvio até o princípio do Reino Milenar de Cristo em sua segunda vinda. E a terceira, ou a "Dispensação da Plenitude dos Tempos", **C**, é contada desde o princípio do reino de Cristo e prossegue durante todas "as eras vindouras". (Efésios 1:10; 2:7, KJA, NTJ, NVI) Nas Escrituras frequentemente são mencionadas estas três grandes dispensações. Para a dispensação **A**, é dado o nome de "o mundo de então". A dispensação **B**, nosso Senhor Jesus a chamou de "este mundo", Paulo de "o presente mundo mau", e Pedro de "os céus e a terra que agora existem". A dispensação **C** é chamada de "o mundo vindouro, no qual habita a justiça", em contraste com o presente mundo mau. Atualmente reina o mal e sofrem os justos, enquanto que no mundo vindouro será invertida esta ordem: a justiça reinará, os maus sofrerão, e finalmente todo o mal será destruído.

O plano de Deus referente ao homem tem um perfil distinto e separado em cada uma destas três grandes dispensações, épocas ou "mundos". Entretanto, cada um deles não é mais do que parte do grande plano, que ao ser completado evidenciará a sabedoria divina, ainda que estas partes, quando consideradas separadamente, deixem de evidenciar o profundo desígnio pelo qual foram permitidas. Visto que o primeiro "mundo" (céus e terra, ou a ordem de coisas daquele tempo) passou no dilúvio, deduz-se que devia ser de uma ordem de coisas diferente do que a "deste presente mundo mau" do qual Satanás, segundo nos disse nosso Senhor, é o príncipe. Consequentemente o príncipe deste presente mundo mau não era o príncipe do mundo que havia antes do dilúvio, ainda que não deixasse de ter influência nele. Várias passagens das Escrituras lançam luz sobre o proceder de Deus durante esse tempo, dando-nos deste modo um conhecimento mais claro do seu inteiro plano. A ideia transmitida por estas citações é a de que o primeiro "mundo", ou dispensação antes do dilúvio, esteve sob a inspeção e ministério especial dos anjos, aos quais lhes foi permitido fazer o que estivesse ao seu alcance para recuperar a raça humana caída e degenerada. Não há dúvida de que, com a permissão de Deus, estavam desejosos de fazê-lo, porque seu interesse foi manifestado no cântico de júbilo pelas obras da criação. (Jó 38:7) Que aos anjos foi permitido governar nessa primeira época, ainda que não tenham obtido êxito ao fazê-lo, é indicado não só por todas as referências que existem no que diz respeito a esse período, mas também pode ser inferido, e com razão, pela expressão feita pelo Apóstolo, quando ao contrastar a dispensação presente com a passada e a futura, disse: "Pois não [foi] a anjos [que] sujeitou Deus o mundo vindouro". (Hebreus 2:5, TB) Não; esse mundo estará sob o controle de Jesus e de seus co-herdeiros e por isso não será apenas uma administração mais justa que a do "presente mundo", mas também terá mais êxito do que a existente no primeiro mundo ou dispensação sob o "ministério dos anjos", cuja falta de capacidade para reformar a raça humana foi manifestada no fato de que chegou a ser tão grande a iniquidade do homem, que Deus, em sua ira e justa

indignação, destruiu com um dilúvio toda a raça humana então viva, com a exceção de oito pessoas. — Gênesis 7:13

Durante o "presente mundo mau" é permitido ao homem que tente governar-se a si mesmo; mas por causa de sua queda, encontra-se sob o domínio de Satanás, o "príncipe deste mundo", contra cujas maquinações e intrigas têm lutado em vão durante o longo período desde o dilúvio até a atualidade, nos seus esforços de governar a si mesmo. Esta tentativa de domínio pelo homem, sob Satanás, logo terminará no maior tempo de tribulação que o mundo jamais conheceu. Assim será provada não somente a futilidade do poder angélico para salvar a raça humana, mas também a futilidade dos esforços do homem para chegar a uma condição satisfatória.

A segunda destas grandes dispensações, **B**, compõe-se de três eras diferentes, cada uma das quais sendo um passo progressivo, conduzindo para o alto e adiante segundo o plano de Deus.

D foi a era na qual Deus manteve uma conduta especial para com os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó.

E é a "Era Judaica", ou seja o período subsequente à morte de Jacó, durante a qual sua descendência foi tratada por Deus como "povo seu", estando sob seu cuidado especial. Mostrou-lhes grande favor e lhes disse: "De todas as famílias da terra *só a vós* tenho conhecido (reconheci com favor)." (Amós 3:2) Estes, como nação, tipificavam a Igreja cristã, "a nação santa, o povo adquirido". As promessas que lhes foram feitas eram típicas das "melhores promessas" feitas a nós. Sua jornada através do deserto para a terra prometida foi um tipo de nossa jornada no deserto do pecado para a Canaã celestial. Seus sacrifícios os justificavam de uma maneira típica, mas não verdadeiramente, porque é impossível que o sangue de touros e de bodes tire os pecados. (Hebreus 10:4) Mas na Era Evangélica, **F**, temos os "sacrifícios melhores", em resgate pelos pecados de todo o mundo. Temos o

"Sacerdócio Real", composto de todos os que se oferecem a Deus como "sacrifício vivo", santo e aceitável por meio de Cristo Jesus, que é o Chefe ou "Sumo Sacerdote da nossa confissão". (Hebreus 3:1) Na Era Evangélica temos a realidade das coisas das quais a Era Judaica, seus serviços e ordenanças, eram apenas sombras. — Hebreus 10:1

A Era Evangélica, **F**, é o período no qual os membros do corpo de Cristo são escolhidos dentre a humanidade, e sob o qual, por meio da fé, lhes é mostrada a coroa da vida junto com as grandiosas e preciosas promessas, pelas quais (obedecendo à chamada e aos requisitos) serão feitos participantes da natureza divina. (2 Pedro 1:4) Todavia, é permitido que o mal reine ou governe no mundo, para que, postos em contato com ele, todos os desta classe provem se tem o desejo de abandonar a natureza humana com seus privilégios e bênçãos, tornando-se um sacrifício vivo, sendo feitos à semelhança da morte de Jesus, podendo assim ser considerados dignos de serem à sua semelhança na ressurreição. — Salmo 17:15

A terceira grande dispensação, **C**, será composta de muitas eras — "as eras vindouras". A primeira destas eras, o Milênio, designado com a letra **G**, é a única de que temos alguma informação definida. É o período de mil anos no qual Cristo reinará e abençoará todas as famílias da terra, realizando a "restauração de todas as coisas, de que Deus falou por boca dos seus santos profetas". (Atos 3:19-21, ARA) Durante essa era, serão apagados para sempre o pecado e a maldade, pois "é necessário que ele (Cristo) reine, até que ponha todos os seus inimigos debaixo de seus pés. O último inimigo que será destruído, é a morte" - a morte adâmica. (1 Coríntios 15:25, 26, TB) Este será o grande período de reconstrução. A Igreja, a sua noiva, o seu corpo, reinará juntamente com Cristo, como ele prometeu dizendo: "Ao que vencer lhe concederei que se assente

comigo no meu trono; assim como eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono." - Apocalipse 3:21

As "eras vindouras", **H**, que virão após o grande período de reconstrução, serão eras de perfeição, de benção e felicidade. As Escrituras não dizem nada com respeito à obra que será realizada nelas. No momento, nos basta saber que serão eras de glória e de benção sob o favor divino.

Cada uma destas eras ou dispensações tem períodos distintos para o princípio e o desenvolvimento de sua obra, e cada uma termina com uma Colheita que manifesta os seus frutos. A Colheita que houve no final da Era Judaica foi um período de quarenta anos, abrangendo desde o início da anunciação do Evangelho por Jesus, quando foi *ungido* com o Espírito Santo por Deus (Atos 10:37, 38), no ano 29 d.C. até a destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C. Com esta colheita terminou a Era Judaica e começou a Era Evangélica. Entretanto, conforme veremos mais adiante, houve uma sobreposição destas duas eras, como se pode notar na tabela.

A Era Judaica terminou de certo modo, quando o Senhor rejeitou essa nação no final de seu ministério de três anos e meio, dizendo: "Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta." (Mateus 23:38) Entretanto, foi-lhes mostrado favor ainda por três anos e meio depois disso, confiando-lhes apenas a chamada evangélica durante esse decurso de tempo, em harmonia com a declaração do profeta (Daniel 9:24-27) referente às setenta semanas (anos) de favor para com eles, em que, na metade da última semana, seria cortado o ungido (morreria) o Messias, mas não por si mesmo. "Cristo morreu [não por si mesmo, mas] por nossos pecados", fazendo cessar assim o sacrifício e a oblação [ou oferenda] na metade da semana - três anos e meio antes que terminasse a aliança das setenta semanas de favor para os judeus. Certamente quando foi feito o verdadeiro sacrifício, os sacrifícios típicos não podiam, por mais tempo, ser aceitos por Jeová.

Portanto, no mais pleno sentido, a Era Judaica terminou no final das setenta semanas, ou seja, três anos e meio depois da cruz,

depois da qual também foi anunciado o Evangelho aos gentios começando com Cornélio. (Atos 10:45) Isto concluiu sua era no que diz respeito ao favor e reconhecimento da Igreja judaica por parte de Deus, sendo que sua existência nacional terminou no grande tempo de tribulação que se seguiu.

Neste período da colheita Judaica, a Era Evangélica teve o seu início. Seu propósito era a chamada, desenvolvimento e prova de "o Cristo de Deus" - Cabeça e corpo. Esta é a dispensação do Espírito. Portanto, é muito apropriado dizer que a Era Evangélica começou com a unção de Jesus "com o Espírito Santo e com poder" (Atos 10:38; Lucas 3:22; 4:1, 18) no tempo de seu batismo. Em relação à Igreja, que é o seu corpo, começou três anos e meio mais tarde.

Uma "colheita" também constitui o período final da Era Evangélica, durante a qual há uma outra sobreposição de duas Eras - a terminação da Era Evangélica e o começo da Era Milenar ou da Restituição. A Era Evangélica termina por etapas da mesma maneira que seu modelo ou "sombra", a Era Judaica. Da mesma maneira que os primeiros sete anos da colheita foram, num sentido especial, dedicados a uma obra entre, e em benefício do Israel segundo a carne, sendo estes anos de favor, do mesmo modo também, nesta colheita, encontramos sete anos que têm a mesma relação com respeito à Igreja da Era Evangélica, em cujo término virá um período de tribulação ("fogo") sobre o mundo, como punição pelas suas maldades e como ato de preparação para o reino de justiça do qual trataremos adiante.

O CAMINHO PARA A GLÓRIA

K, L, M, N, P, R, cada uma destas letras representa um plano diferente. **N** é o plano da natureza *humana perfeita.* Adão antes de pecar encontrava-se nele. Mas desde o momento em que desobedeceu, caiu no plano pecaminoso ou depravado, **R**, no qual nasceu toda a sua descendência. Isto corresponde ao "caminho espaçoso" que conduz à perdição. **P** representa o plano da justificação típica, que foi reconhecida como efetuada por meio

dos sacrifícios segundo a Lei. Não era a perfeição atual ou de fato, "pois a Lei nenhuma coisa aperfeiçoou". — Hebreus 7:19

N não só representa o plano da perfeição humana que no passado foi ocupado pelo homem perfeito, Adão, como também representa a posição na qual se encontram todas as pessoas justificadas. "Cristo morreu pelos nossos pecados segundo as Escrituras", e, por conseguinte, todos os crentes em Cristo, todos aqueles que aceitam sua obra perfeita e consumada, e aproveitam-se dela para sua própria justificação, por causa de sua fé, são considerados por Deus como justificados, como se fossem homens perfeitos, que nunca tiveram pecado. Assim todos os que aceitam a Cristo como seu Redentor são considerados por Deus no plano da perfeição humana, **N**. Este é o único meio pelo qual o homem pode achegar-se a Deus, ou ter comunhão com Ele. Deus chama de filhos - filhos humanos - a todos aqueles que estão neste plano. Neste sentido Adão foi um filho de Deus (Lucas 3:38) e antes de sua desobediência teve comunhão com Ele. Todos os que aceitam o resgate completo feito por Jesus, são contados ou *reconhecidos* como restaurados à pureza original e, como resultado, têm parte na comunhão com Deus.

Durante a Era Evangélica Deus tem feito uma oferta especial aos seres humanos justificados, dizendo-lhes que, sob certas condições, podem experimentar uma transformação de natureza, podendo assim deixar de serem humanos, terrestres, para se tornarem, na transformação, seres espirituais ou celestiais como Cristo seu Redentor. Alguns crentes - pessoas justificadas - se sentem satisfeitos com a alegria e a paz que possuem crendo na remissão de seus pecados, e assim, não escutam a voz que os convida a subirem ainda mais alto. Outros, movidos pelo amor a Deus, amor este que foi manifestado no seu resgate dado pelo pecado, e sentindo que por haverem sido comprados por um preço, já não pertencem mais a si mesmos, dizendo: "Senhor, que queres que eu faça?" Para estes o Senhor dá a resposta por meio de Paulo, que disse: "Rogo-vos, pois, *irmãos,* pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em *sacrifício* vivo, santo e

agradável a Deus, que é o vosso culto racional." (Romanos 12:1) O que quer dizer o Apóstolo ao instar-nos para que nos apresentemos como sacrifícios vivos? Ele quer dizer que deveríamos consagrar a Deus toda capacidade e talento que possuímos, e que de agora em diante não vivamos mais para nós mesmos, nem para nossos amigos, para a família, para o mundo, com nenhum outro objetivo que não seja o de servir com toda obediência Àquele que nos comprou com seu próprio sangue precioso.

Sabendo-se que Deus não aceitava sacrifícios típicos imperfeitos ou defeituosos, e visto que somos todos pecadores por causa da desobediência de Adão, podemos ser sacrifícios agradáveis a Ele? Paulo mostra que é somente porque somos santos que podemos ser sacrifícios agradáveis. Não somos santos como Jesus que não conheceu pecado, visto que somos da raça condenada. Tampouco o somos porque tenhamos conseguido por completo chegar à perfeição em nossa conduta, porque percebemos que não temos obtido essa perfeição para a qual somos chamados, pois temos este tesouro em vasos de barro (frágeis e mal vedados), para que possa ser evidente que a glória de nossa perfeição final não se deve ao nosso próprio mérito, mas ao favor de Deus. Nossa santidade e aceitabilidade como sacrifícios a Deus, se derivam do fato de que, desde o momento de nossa consagração, fomos justificados por Ele gratuitamente de todo pecado por meio de nossa fé no sacrifício de Cristo, realizado em nosso benefício.

Todos aqueles que apreciam e obedecem a esta vocação, regozijam-se de terem sido julgados dignos de sofrerem afrontas pelo nome de Jesus, não se concentrando nas coisas que se veem, mas sim nas coisas que não se veem, "a coroa da vida", o "prêmio da vocação celestial ["soberana vocação"] de Deus em Cristo Jesus" e "a glória que se há de revelar" em nós. Estes, desde o momento de sua consagração não são considerados por mais tempo como humanos, mas como gerados de Deus por meio da palavra da verdade, deixando de ser humanos para tornarem-se filhos espirituais. Já estão a um passo mais próximo do prêmio do

que quando creram no princípio. Mas sua existência espiritual ainda é imperfeita: são somente *gerados* do espírito, mas não ainda *nascidos.* São filhos espirituais em embrião, no plano **M,** ou seja, o plano da geração do espírito. Por serem gerados do espírito já não são considerados como humanos, mas como seres espirituais. A natureza humana justificada, que numa ocasião foi sua, tem sido apresentada e é reputada como estando morta - um sacrifício vivo, santo, agradável e aceitável a Deus. São novas criaturas em Cristo Jesus. As coisas velhas (as esperanças, as ambições e a vontade humanas) já passaram; eis que tudo se fez novo. "Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós." (2 Coríntios 5:17; Romanos 8:9) Se haveis sido gerados do Espírito, "já estais mortos (como seres humanos), e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus".

O plano **L** representa a condição *espiritual perfeita* de existência. Mas antes de chegar a ele devem ser cumpridas as condições de nosso pacto. Uma coisa é o comprometimento com Deus para nos considerarmos mortos quanto a tudo o que é humano, e outra coisa é cumprir este pacto através de toda nossa carreira na terra, subjugando o corpo (mantendo-o como morto) e pondo de lado a nossa vontade, para somente cumprir a do Senhor. A entrada no plano **L** é chamada de nascimento, ou seja, a plena entrada para a vida, como ser espiritual. Toda a Igreja quando for ajuntada (selecionada) dentre o mundo, durante a "colheita" ou fim da Era Evangélica, entrará neste plano. Os "mortos que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro". Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos transformados num momento - transformados em seres espirituais perfeitos com corpos de acordo com o corpo glorioso de Cristo (porque "convém... que isto que é mortal se revista da imortalidade"). Mas, quando vier o que é perfeito, então o que é em parte (a condição gerada, com seus diferentes obstáculos e dificuldades da carne aos quais agora estamos sujeitos) será aniquilado.

Mas ainda há um passo mais além da perfeição espiritual de existência, que pode ser obtido. Tal passo é para a glória que há

de se seguir - o plano **K**. Nós aqui não fazemos alusão à glória individual, mas somente a glória do poder e dignidade. Ao se chegar no plano **L** se obtém a plena glória pessoal, o que significa tornar-se um ser glorioso semelhante a Cristo. Mas depois de sermos deste modo aperfeiçoados e feitos completos como nosso Senhor e Cabeça, estaremos associados com Ele na "glória" do poder e dignidade – nos assentaremos com Ele em seu trono, assim como Ele, na sua ressurreição, depois de haver sido aperfeiçoado, foi exaltado à direita da Majestade nas alturas. Desta maneira entraremos na glória eterna, representada pelo plano **K.**

O PLANO DE DEUS ILUSTRADO

Estudemos agora cuidadosamente a tabela, e notemos as ilustrações dos diferentes aspectos gerais do plano de Deus. Nestas ilustrações utilizaremos a figura de uma pirâmide para representar a perfeição, por causa de sua adaptabilidade, e pela referência evidente que lhe é feita nas Escrituras.

Adão foi um ser perfeito, pirâmide **a**. Note sua posição no plano **N**, que representa a perfeição humana. No plano **R**, o plano do pecado e imperfeição, ou o plano da depravação, a pirâmide truncada **b**, uma figura imperfeita, representa Adão caído e a sua descendência - depravada, pecaminosa e condenada.

Abraão e outros de seu tempo, que por causa de sua fé foram justificados até ao ponto de terem comunhão com Deus, são representados pela pirâmide **c**, no plano **N**. Abraão era membro da raça humana depravada, e por natureza pertencia, como todos os demais, ao plano **R**. Mas Paulo nos disse que Abraão foi justificado pela fé; isto é, que por causa da sua fé foi considerado por Deus sem pecado, como se fosse um homem perfeito. Isto, do ponto de vista de Deus, o ergueu muito acima do mundo dos pecadores depravados, até ao plano **N**. Embora, Abraão fosse na realidade imperfeito, no entanto foi-lhe concedido o favor, que Adão havia perdido, a saber, a comunhão com Deus como seu "amigo". (Tiago 2:23) Todos os que estão no plano de perfeição **N**, (sem pecado) são amigos de Deus e Ele é amigo deles, mas os

pecadores (no plano **R**), estão em inimizade com Deus — são "inimigos pelas suas obras más".

A humanidade depois do dilúvio, representada pela figura **d**, continuou no plano **R**, como inimigos de Deus, e ali permanecerá até que seja escolhida a Igreja Evangélica e comece o Milênio.

Os que constituem o "Israel segundo a carne", durante a Era Judaica, quando os sacrifícios típicos de bodes e de touros os tornavam limpos (não na realidade, mas de modo típico, "pois a lei nenhuma coisa aperfeiçoou" – Hebreus 7:19), foram justificados de uma maneira típica, e por isso, estão (**e**) no plano **P**, o plano da justificação típica, que perdurou desde que foi dada a Lei no Monte Sinai, até que Jesus pusesse fim a essa Lei, cravando-a na cruz. Ali terminou a justificação típica ao serem instituídos os "sacrifícios melhores" do que os tipos judaicos, que atualmente tiram o "pecado do mundo" e aperfeiçoam [verdadeiramente] "os que a eles se chegam". — Hebreus 10:1

A figura **f** representa o fogo da prova e aflição pela qual passou Israel segundo a carne quando Jesus esteve neste mundo, peneirando e separando da sua igreja nominal o trigo verdadeiro, os "verdadeiros israelitas", especialmente quando Ele, depois da separação do trigo, queimou a palha [a parte desse *sistema* que não servia] em "fogo inextinguível". Foi uma época de tribulação que não puderam impedir e nem deter. Veja Lucas 3:17, 21, 22; 1 Tessalonicenses 2:16.

Jesus na idade de trinta anos era um homem maduro e perfeito, representado pela pirâmide **g**, havendo deixado a glória da condição espiritual e obtendo, em troca, a *natureza humana,* para que (pela graça de Deus) provasse a morte por todos. A justiça da lei divina é absoluta: olho por olho, dente por dente, e vida por vida. Era necessário que um homem perfeito morresse pela humanidade, porque de nenhum outro modo podiam ser satisfeitas as exigências da justiça. Era tão impossível que a morte de um anjo pagasse a pena e libertasse o pecador, assim como era impossível que a morte de "bodes e de touros" tirasse os pecados. Portanto, Aquele que é chamado de "o princípio da criação de Deus" se tornou *homem,* se "fez carne" para que pudesse dar o

resgate (o preço correspondente) que redimiria a humanidade. Tinha que ser um homem perfeito, pois se não fosse, não teria feito mais do que qualquer outro membro da raça humana caída no que diz respeito a prover o preço do resgate. Ele foi "santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores". Tomou a mesma forma ou semelhança dos pecadores - "em semelhança da carne do pecado" - a semelhança humana. Mas tomou-a em sua perfeição, não participando de seu pecado nem de suas imperfeições, exceto quando voluntariamente compartilhava dos pesares e dores de alguns, durante seu ministério, levando suas doenças e enfermidades quando partilhava sua vitalidade, sua saúde e suas forças. Como está escrito: "Verdadeiramente ele *tomou* sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si" (Isaías 53:4); e também que "dele saía poder [vida, vitalidade, vigor]; que curava a todos". — Marcos 5:30; Lucas 6:19, AL21; Mateus 8:16, 17

E, achando-se na forma de homem (perfeito) humilhou a si mesmo tornando-se obediente até a morte. Apresentou-se a Deus dizendo: "Eis aqui estou (no rolo do livro está escrito a meu respeito), para fazer, ó Deus, a tua vontade". E esta consagração ele a simbolizou por meio do batismo em água. Quando se apresentou deste modo, consagrando o seu Ser, sua oferta foi santa (pura) e agradável a Deus, o qual mostrou sua aceitação enchendo-o com Seu poder e de Seu Espírito - quando o Espírito Santo desceu sobre Ele, ungindo-o.

Ao ser cheio do Espírito foi gerado a uma natureza nova, a divina - a qual devia estar plenamente desenvolvida ou nascida quando ele, em sua totalidade, cumpriu a sua oferta - o sacrifício da natureza humana. Esta geração foi um passo mais elevado, para além das condições humanas, e é indicado pela pirâmide **h** no plano **M**, o plano da geração do Espírito. Jesus passou três anos e meio de sua vida neste plano, até que sua existência humana terminou na cruz. Logo depois de haver estado morto durante três dias, foi soerguido à vida - à perfeição do ser espiritual (**i**, Plano **L**), nascido do Espírito - "o primogênito dentre os mortos". "O que é *nascido* do Espírito *é espírito"*. Portanto,

Jesus, na sua ressurreição, e depois dela, foi um espírito, um ser espiritual, mas em nenhum sentido, nem sequer por mais algum tempo, um ser humano.

Certamente depois de sua ressurreição teve o poder para aparecer, e apareceu como homem para ensinar e provar para seus discípulos que não estava mais morto. Mas Ele já não era mais um ser humano, nem estava dominado pelas condições humanas. No entanto podia ir e vir como o vento (mesmo com as portas trancadas), e ninguém podia dizer de onde vinha e nem para onde ia. *"Assim* é todo aquele que é *nascido* do Espírito". — João 3:8. Compare com João 20:19, 26.

Desde o momento de sua consagração em sacrifício, no tempo de seu batismo, a vida humana foi reconhecida como que morta, dando origem à nova natureza, a qual foi completada na sua ressurreição, quando Ele chegou ao plano espiritual perfeito **L**, e foi ressuscitado num corpo espiritual.

Quarenta dias depois de sua ressurreição, Jesus ascendeu à Majestade nas alturas - o plano da glória divina, **K** (pirâmide **k**). Durante a Era Evangélica tem estado na glória (**l**), assentado com o Pai no seu trono, sendo a Cabeça de sua Igreja na terra, seu guia e dirigente. Através da Era Evangélica a Igreja tem estado num processo de desenvolvimento, prova e disciplina, com o objetivo de que, no fim da colheita desta era, possa chegar a ser sua noiva e co-herdeira. Por isso ela também participa dos seus sofrimentos, para que também seja glorificada (plano **K**) com ele quando chegar o devido tempo.

Os passos da Igreja para a glória são os mesmos que os de seu Líder e Senhor, o qual "tem deixado-nos o exemplo, para que sigamos as suas pisadas" — com a diferença de que a Igreja começa a partir de um plano inferior. Conforme temos visto, nosso Senhor veio ao mundo no plano da *perfeição* humana, **N**, enquanto que todos nós, os da raça adâmica, estamos num plano mais baixo, **R** - o plano do pecado, da imperfeição e da inimizade com Deus. Portanto, o que necessitamos primeiramente é ser *justificados,* para podermos desta maneira chegar ao plano **N**. Como isto ocorre? Por meio de boas obras? Não, pois os

pecadores não podem fazer obras boas. Não seria possível fazermo-nos merecedores aos olhos de Jeová. "Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores." (Romanos 5:8, ARA) Logo, a condição sob a qual chegamos ao plano da justificação ou perfeição humana, é a de que Cristo morreu por nossos pecados, nos resgatou e nos soergueu "pela fé no seu sangue", para o plano perfeito, do qual caímos em Adão. Somos justificados [erguidos ao plano **N**] pela fé. *"Tendo sido,* pois, *justificados pela fé,* temos paz com Deus" (Romanos 5:1), e não somos considerados por Deus por mais tempo como inimigos, mas como filhos humanos justificados, no mesmo plano que o nosso Senhor e Adão, com a diferença de que eles eram realmente perfeitos, enquanto que Deus simplesmente nos reconhece como que sendo perfeitos. Compreendemos que esta justificação reconhecida ou imputada pela fé acha-se na Palavra de Deus, que diz: Fostes "comprados", "redimidos", "justificados gratuitamente de todas as coisas". À vista de Deus encontramo-nos sem culpa, imaculados e santos, cobertos com o manto da justiça de Cristo, imputados a nós pela fé. Ele consentiu que lhe fossem *imputados* os nossos pecados, para que pudesse sofrer por nós a pena, morrendo em nosso benefício, como se fosse o pecador. Como consequência, sua justiça é *imputada* a todos aqueles que aceitam sua redenção, e traz consigo todos os direitos e bênçãos possuídos originalmente, antes de entrar o pecado. Isto nos restaura à vida e à comunhão com Deus. Podemos desfrutar desta comunhão imediatamente por meio do exercício da fé. A vida, e a mais plena comunhão, alegria ou gozo, nos são assegurados no "tempo oportuno" de Deus.

Mas tenhamos em mente que apesar da justificação ser uma grandiosa bênção, isso, no entanto, não muda nossa natureza.*

---

* A palavra *natureza* é usada num sentido figurado quando se diz que um homem tem uma natureza *malévola.* Estritamente falando, ninguém é mau por natureza. A natureza humana é "muito boa", uma *imagem terrestre* da natureza divina. Visto que todo homem é de natureza boa, a dificuldade reside no fato de que esta natureza boa tem se tornado depravada. Pois,

Continuamos sendo seres humanos. Somos libertados do miserável estado de pecado e separação de Deus, e em vez de sermos pecadores humanos, chegamos a ser filhos humanos. E assim, porque somos filhos, Deus nos fala como a tais. Durante a Era Evangélica Ele está chamando o "pequeno rebanho" de "co-herdeiros", dizendo: "Filho meu, dá-me o teu coração", o que equivale dizer: Entrega-te a ti mesmo, junto com todas as tuas energias e faculdades terrestres, tua vontade, teus talentos ou habilidades, tudo de tua vida, da mesma maneira como Jesus lhe deixou o exemplo. Em troca te farei filho meu num plano mais elevado do que o humano. Farei de ti um filho espiritual, com um corpo espiritual como o de Jesus ressuscitado - "a expressa imagem do seu Ser" - do Pai. Se abandonares toda esperança mundana, as ambições e propósitos terrestres, se por completo consagrares a natureza humana e a consumires em meu serviço, te darei uma natureza mais elevada do que a do restante da tua raça. Farei-te "participante da natureza divina", herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo; *se é certo que com ele padeceres,* para que também com ele venhas a ser *glorificado.*

Aqueles que apreciam em seu verdadeiro valor este prêmio que lhes é indicado pelo Evangelho, alegremente deixam todo laço, e correm com perseverança a carreira que lhes é proposta, para ganhá-lo. Para obter nossa justificação, as boas obras não nos são exigidas. Jesus nosso Senhor fez toda a obra que pôde ser feita para esse fim, e quando pela fé aceitamos sua obra já consumada, somos justificados e elevados ao plano **N**. Mas agora, se quisermos ir mais adiante, não poderemos ir sem as obras. Certamente não devemos perder nossa fé, porque, neste caso, perderíamos nossa justificação. Mas estando justificados, e continuando na fé, somos habilitados (pela graça que nos foi dada

---

não é natural que o homem seja mau, brutal, etc., mas é uma coisa natural para ele ser a imagem divina. Neste sentido primário, é o modo no qual usamos a palavra *natureza* que motivou esta nota. Somos justificados por Cristo para uma restituição completa de todos os privilégios e bênçãos de nossa natureza humana - a *terrestre* imagem de Deus.

ao sermos gerados do Espírito) para fazer boas obras e produzir frutos aceitáveis a Deus. E Deus assim o requer, porque é o sacrifício que temo-nos comprometido a cumprir. Deus requer que mostremos nosso apreço por este grande prêmio dando por ele tudo o que temos e tudo o que somos, não aos homens, mas a Ele mesmo. Isto é que se constitui num sacrifício santo, e por meio de Cristo, agradável a Deus - nosso culto racional.

Quando apresentamos todas estas coisas dizendo: 'Senhor, como queres que te entregue este meu sacrifício, meu tempo, meu talento, minha influência e demais coisas?' e examinamos a Palavra de Deus para obtermos a resposta, ouvimos sua voz dando-nos instruções para que lhe entreguemos nosso *todo* da mesma maneira que o nosso Senhor Jesus o fez: à medida que tivermos oportunidade, fazendo o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé, servindo-lhes agora o alimento espiritual ou o natural, vestindo-os com o manto da justiça de Cristo ou com vestimentas para o corpo humano, conforme pudermos e segundo a necessidade. Tendo assim consagrado nosso *todo,* somos gerados do Espírito e chegamos ao plano **M**. E assim, por meio do poder que nos é concedido, ao fazermos uso dele, estaremos aptos para cumprir nosso pacto saindo vencedores, e mais que vencedores, por (pelo poder ou Espírito de) aquele que nos amou e nos comprou com seu precioso sangue. Mas ainda assim, andando nos passos de Jesus,

> "Nunca creiais que já está ganha a vitória,
> Nem te sentes um momento sequer para descansar;
> Terminarás o caminho para a glória
> Quando tua coroa conseguires alcançar."

Ganharemos a coroa quando nós, como nosso fiel irmão Paulo, combatermos o bom combate e concluirmos a carreira, mas não antes disso. Até então, deve ascender diariamente a chama e o incenso de nosso sacrifício de labor e serviço; um sacrifício de aroma agradável para Deus e aceitável por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.

Os membros desta classe vitoriosa que "dormem" (o sono da morte) serão levantados como seres espirituais, plano **L,** e os da

mesma classe que estão vivos e permanecem até a vinda do Senhor, serão "transformados" para o mesmo plano de existência espiritual, e não "dormirão" nem um momento, ainda que a "transformação" torne necessária a dissolução dos vasos de barro. Já não serão seres fracos, terrestres, mortais e corruptíveis, mas serão inteiramente nascidos do Espírito - seres celestiais, espirituais, incorruptíveis e imortais. — 1 Coríntios 15:44, 52

Não sabemos quanto tempo irá transcorrer depois de sua "transformação", ou aperfeiçoamento como seres espirituais (plano **L**), antes que, formando uma companhia [congregação] inteira e completa, sejam glorificados (plano **K**) com o Senhor, e unidos com Ele com poder e grande glória. Entendemos que esta unificação e plena glorificação do inteiro corpo de Cristo com a Cabeça serão "as bodas do Cordeiro" e sua Noiva, quando esta, em sua totalidade, começar a participar no gozo ou alegria do seu Senhor.

Na tabela, as letras **n, m, p, q,** representam quatro classes distintas que em conjunto formam a inteira Igreja Evangélica nominal, que pretende ser o corpo de Cristo. Tanto a classe **n** como a **m** estão sobre o plano de geração do Espírito, **M**. Estas duas classes têm existido juntas durante a Era Evangélica. Ambas têm uma aliança com Deus por meio da qual seriam feitos sacrifícios vivos, e ambas foram aceitas "no Amado" e geradas do Espírito como *"novas criaturas"*. A diferença entre elas é esta: **n** representa os que estão cumprindo sua promessa e estão mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, à vontade, aos propósitos e às ambições terrestres, enquanto que a classe **m** representa a companhia [congregação] mais numerosa, de filhos, gerados do espírito, que, embora tenham feito a mesma aliança, recusam-se a cumpri-la! A classe **n** se compõe dos vencedores que serão a Noiva de Cristo, a qual se assentará com o Senhor em seu trono de glória, plano **K**. Este é o "pequeno rebanho" aos quais o Pai agradou-se em dar-lhes o Reino. (Lucas 12:32) Estes da classe **m**, por causa do temor, deixam de entregar à morte a vontade humana. Não obstante, Deus ainda os ama, e portanto os trará pelo caminho da adversidade e da aflição ao plano **L,** o

plano da perfeição espiritual. No entanto, eles terão perdido o direito ao plano **K**, o trono da glória, pelo fato de não serem vencedores. Se apreciarmos o amor do Pai, se desejarmos ser aprovados pelo Senhor, se aspirarmos ser membros de seu corpo, sua Noiva, e se quisermos nos assentar no seu trono, devemos cumprir nossa promessa de sacrifício fielmente e com plena vontade.

A maioria da Igreja *nominal* é representada pela seção **p.** Note que não estão no plano **M,** mas no plano **N.** Estão justificados, mas não se encontram santificados. Não se consagraram inteiramente a Deus e, portanto, não têm sido gerados do espírito. Entretanto, se encontram num plano mais elevado que o mundo, porque aceitam a Jesus como resgate pelos seus pecados, mas não têm aceitado a vocação celestial ["soberana vocação"] desta era, para se tornarem parte da família espiritual de Deus. Se continuarem na fé e se submeterem por completo às leis justas do Reino de Cristo, nos tempos da Restituição, obterão finalmente a semelhança do homem terrestre perfeito, Adão. Recuperarão em sua totalidade tudo o que perderam nele. Chegarão à mesma perfeição humana - mental, moral e física - e serão outra vez à imagem de Deus como Adão o foi, pois para tudo isso foram redimidos. E a sua posição de justificação, no plano **N,** como crentes na salvação por meio de Cristo, é uma bênção especial, a qual eles, por meio da fé, desfrutam antes do restante do mundo da humanidade (porque a todos será dado um pleno conhecimento da Verdade, na Era Milenar). Além disso, estes terão a vantagem de terem começado primeiro e que já progrediram um pouco na direção correta. Mas a classe **p** deixa de aproveitar-se do benefício real desta justificação pela fé, no tempo atual. Esta é concedida agora com o propósito especial de habilitar alguns a fazer um sacrifício agradável e virem a se tornar parte da classe **n** como membros do "corpo de Cristo". Esses da classe **p** recebem a graça de Deus [a justificação] *"em vão"* (2 Coríntios 6:1), deixando de usá-la com o fim de seguirem adiante e de se apresentarem como sacrifícios agradáveis, durante este tempo no qual os sacrifícios são aceitáveis a Deus. O Apóstolo chama de

"irmãos" os desta classe, ainda que não sejam "santos" nem membros do "corpo" consagrado. (Romanos 12:1) No mesmo sentido, quando estiver restaurada, a inteira raça humana, todos os seus membros, serão para sempre irmãos do Cristo, e filhos de Deus, embora sejam de uma natureza diferente. Deus é o Pai de *todos* os que estão em harmonia com Ele, em todo plano e em toda natureza.

Outra classe em conexão com a Igreja nominal, que nunca exerceu fé em Cristo como sacrifício pelos pecados e que, por conseguinte não está justificada - nem está no plano **N** - é representada debaixo do plano, **N**, pela seção **q**: Estes são os "lobos disfarçados em ovelhas", mas, que se rotulam como cristãos e são reconhecidos como membros da Igreja nominal. Não são verdadeiros crentes em Cristo como seu Redentor, pertencendo ao plano **R**, fazendo parte do mundo, estando fora de seu lugar na Igreja, sendo-lhes prejudicial. A Igreja tem existido nesta condição mista, com estas várias classes **n**, **m**, **p**, **q**, unindo-se e tomando todas elas o nome de cristãos, através da Era Evangélica. Como Cristo predisse, o reino nominal dos céus (a Igreja nominal) é semelhante a um campo semeado de trigo e de joio. Ele, porém disse: Deixai "crescer ambos juntos até a colheita", o fim da era. No tempo da colheita Ele dirá aos ceifeiros (os "anjos" - mensageiros): Ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para o queimar; o trigo, porém, recolhei-o no meu celeiro — Mateus 13:30, 38, 41, 49

Estas palavras de nosso Senhor nos mostram que embora Ele tenha se proposto permitir que ambas as classes crescessem juntas durante a Era e que ambas as classes viessem a ser reconhecidas como membros da Igreja nominal, também tinha o propósito de estabelecer um tempo de separação entre estes elementos, no qual, aqueles que verdadeiramente formam sua Igreja, seus santos (**n**), aprovados e reconhecidos por Deus, se tornariam manifestos. — Mateus 13:39

Durante a Era Evangélica, tanto a boa semente, como a falsa, o joio, estão crescendo lado a lado. "A boa semente são os filhos do reino", os filhos espirituais nas classes **n** e **m**, enquanto que "o joio são os filhos do maligno". Todos os da classe **q** e muitos da classe **p** são, portanto, "joio". Visto que "ninguém pode servir a dois senhores", sendo "servos desse mesmo a quem obedeceis", sempre que e quando os membros da classe **p** não consagram seu serviço e nem seus talentos ao Senhor que os resgatou - um serviço razoável [racional] - e que evidentemente passem a dedicar muito de seu tempo e de seus talentos em clara oposição a Deus, passam a estar, portanto, a serviço do inimigo.

Agora veja na tabela a "colheita" ou fim da Era Evangélica. Note as duas partes em que está dividida - sete anos e trinta e três anos - o paralelo exato da colheita da Era Judaica. Esta colheita, como a Era Judaica, vem a ser primeiramente um tempo de prova e de separação sobre a Igreja, e mais tarde será um tempo de ira em que "as sete últimas pragas" serão derramadas sobre o mundo, inclusive na Igreja nominal. A Igreja Judaica no plano carnal, era a "sombra" ou modelo de tudo o que a Igreja Evangélica usufrui no plano espiritual. O que serviu de prova para o Israel segundo a carne, na colheita da sua era, era A VERDADE que então foi apresentada. A verdade, que devia ser conhecida naquele tempo, tornou-se a foice que separou os "verdadeiros israelitas" da Igreja Judaica nominal, e comparada com o número daqueles que professavam ser "verdadeiros israelitas", a quantidade de trigo verdadeiro foi insignificante. Assim ocorre na colheita desta era. A colheita da Era Evangélica, do mesmo modo que na Era Judaica, estará sob a direção do ceifeiro principal, Jesus nosso Senhor, que para isso estará então presente. (Apocalipse 14:14) A primeira tarefa de nosso Senhor na colheita desta era será separar o verdadeiro do falso. Por causa de sua condição mista, o Senhor chama de "Babilônia" - confusão – a Igreja nominal. A colheita é o tempo marcado para separar as classes diferentes que existem nela, e para amadurecer e aperfeiçoar a classe **n**. Serão separados o trigo do joio, daquele que estiver maduro, daquele que não

estiver, e etc. Os da classe **n** são as "primícias" do trigo, e no tempo oportuno, depois que forem separados, chegarão a ser a Noiva de Cristo, a qual para sempre estará com o Senhor e será como Ele.

A separação deste pequeno rebanho da Babilônia é indicada pela figura **s**. Está nas vésperas de ser *um* com o Senhor, de levar seu nome e de participar de sua glória. O Cristo glorificado, Cabeça e corpo, é representado pela figura **w**. As figuras **t**, **u**, **v**, representam Babilônia - a Igreja nominal - caindo e esmiuçando-se durante "o tempo de tribulação" no "dia do Senhor". Ainda que isto pareça ser algo terrível, porém, será verdadeiramente de grande vantagem para o trigo verdadeiro. Babilônia cai porque não é o que pretende ser. A Igreja nominal contém muitos hipócritas, que se associaram com ela por causa de sua honrosa posição aos olhos do mundo, os quais, pelo seu comportamento, estão convertendo Babilônia numa peste perante os olhos deste mundo. O Senhor sempre tem reconhecido seu verdadeiro caráter, mas segundo o seu propósito, os deixará, até o tempo da colheita, quando Ele "ajuntará [reunindo-os em feixes] do seu reino [da Igreja verdadeira] todos que servem de tropeço, e os que praticam o mal, e os lançarão na fornalha de fogo [angústia, *destrutiva* para seu sistema nominal e sua falsa profissão]. ... Então os justos [a classe **n**] resplandecerão como o sol no reino de seu Pai". (Mateus 13:41-43, AL21). A tribulação que cairá sobre a Igreja será ocasionada em grande parte pelo aumento da incredulidade e do espiritismo de diferentes tipos. As provas serão extremamente severas, porque Babilônia tem muitas doutrinas contrárias à Palavra de Deus. Da mesma maneira que na colheita da Era Judaica a *cruz* de Cristo foi uma pedra de tropeço para os judeus, que esperavam glória e poder, e uma loucura para os gregos, cheios de sabedoria mundana, assim também na colheita da Era Evangélica novamente a mesma cruz servirá de pedra de tropeço, e rocha de escândalo.

Todo aquele que edificou sobre Cristo qualquer outra coisa que não seja de ouro, prata, pedras preciosas da verdade, e um caráter correspondente, se encontrará acossado sobremaneira durante o tempo da ira ("fogo"), visto que toda madeira, feno e palha das doutrinas e práticas serão consumidas. Os que têm edificado sabiamente e que, em consequência, são possuidores do caráter aprovado são representados pela figura **s**. Enquanto que a figura **t** representa a "grande companhia" ["grande multidão"] gerada do Espírito, que têm edificado com madeira, feno e palha, e que apesar de ser "trigo" não terá amadurecido ainda a tempo de ajuntar-se às pirâmides (**s**). Estes como tais (**t**) perdem o prêmio do trono e da natureza divina, mas finalmente chegarão a nascer como seres espirituais de uma ordem inferior à ordem da natureza divina. Ainda que estes sejam verdadeiramente consagrados, o espírito do mundo os vence a tal ponto que estes deixam de entregar suas vidas em sacrifício. Mesmo na "colheita" enquanto que, por meio da *verdade,* estiver sendo efetuada a separação dos membros ainda viventes da Noiva, os ouvidos dos demais, inclusive os da classe **t**, estarão muito embotados para ouvir. Serão tardios para crer e tardios para agir nesse tempo de separação. Não há dúvida, que desanimarão grandemente quando, mais tarde, compreenderem que a seleção da Noiva já foi completada e que esta já estará unida com o Senhor, e que eles, por serem tão descuidados e estarem sobrecarregados, perderam o grande prêmio. Mas, ao começarem a discernir a beleza do plano de Deus, que é um plano de amor, tanto para eles como para toda a humanidade, se aliviará o seu pesar, e cantarão: "Aleluia! Porque já reina o Senhor nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremo-nos, exultemos, e demos glória a ele; porque chegou o momento das bodas do Cordeiro, e sua noiva já se preparou." (Apocalipse 19:6, 7, AL21) Note também a abundante provisão do Senhor, a mensagem a eles enviada - ainda que não sejais a Noiva do Cordeiro, podeis estar presentes à ceia das bodas: "Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro." (Ap. 19:9) Esta companhia [multidão], no devido tempo e por meio das correções [disciplina] do Senhor, virá a estar em plena harmonia com Ele e com seu plano, e lavarão as

suas vestes para que possam ocupar um lugar próprio da Noiva (**y**), no plano espiritual **L**. — Apocalipse 7:14, 15

O tempo de tribulação, no caráter com o qual afetará o mundo, será depois que Babilônia tiver começado a cair e a desintegrar-se. Será um derrubamento de toda a sociedade e de todos os governos humanos, preparando o mundo para o reinado de justiça. Durante o tempo de tribulação, o Israel segundo a carne (**e**), que foi rejeitado até que a plenitude dos gentios tenha entrado, será restaurado ao favor de Deus, e a Igreja Evangélica, ou o Israel espiritual, será completado e glorificado. Durante a Era Milenar, Israel será a principal nação da Terra, sendo a cabeça de todos no plano terrestre de existência, e, para ela, em unidade e harmonia, gradualmente serão atraídos todos os obedientes.

Sua restauração à natureza humana perfeita, do mesmo modo que a do mundo em geral, será uma obra gradual, necessitando todo o Milênio para ser concluída. Durante esses mil anos do domínio de Cristo, os resultados da morte adâmica serão gradualmente destruídos ou extintos. Suas várias fases - as enfermidades, as dores, as fraquezas, e até mesmo o próprio túmulo, renderão obediência ao poder do Grande Restaurador, até que, no final dessa era, a grande pirâmide da nossa tabela tenha sido completada. O Cristo (representado por **x**) será a cabeça sobre todas as coisas - da grande companhia [grande multidão], dos anjos e dos homens - depois do Pai. Em seguida, segundo sua classe, estará a grande companhia [grande multidão], os seres espirituais (**y**), em seguida os anjos, depois o Israel segundo a carne (**z**), incluindo somente os verdadeiros israelitas, que serão a cabeça das nações da Terra, e em seguida a humanidade (**w**) restaurada até a existência perfeita, semelhante a Adão, a cabeça da raça humana, antes de pecar. Esta restauração se efetuará gradualmente durante a Era Milenar - "os tempos da restauração de todas as coisas" (Atos 3:21 – AL21), mas alguns serão exterminados dentre o povo. Primeiramente, todos os que com plena luz e oportunidade, durante cem anos recusem progredir

rumo à justiça e à perfeição (Isaías 65:20), e em segundo lugar, os que havendo feito progresso à perfeição, se tornem infiéis na prova final no fim do milênio do reino de Cristo na Terra. (Apocalipse 20:9) Estes morrerão na segunda morte, da qual não é prometida nenhuma ressurreição e nem restauração. Somente é provida uma plena prova individual, já que apenas um resgate é dado. Lembremo-nos de que Cristo já não morre mais.

Quando vemos o grande plano de Deus para a exaltação da Igreja, e pelos canais dela, as bênçãos para Israel e para todas as famílias da Terra, por meio da restauração de todas as coisas, isso nos traz à mente o cântico dos anjos: "Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens." Esta será a consumação do plano de Deus - "de tornar a congregar em Cristo todas as coisas". Quem dirá então que o plano de Deus tem sido um fracasso? Quem dirá então que Ele não tem conseguido dominar sobre o mal para o bem, e fazendo com que até mesmo a ira ou a cólera dos homens e dos demônios resulte em seu louvor?

A figura da pirâmide não somente serve como ilustração dos seres perfeitos, mas também, com bastante propriedade, pode ser usada para representar a unidade da inteira criação, a qual, em cumprimento do plano de Deus, será uma quando a harmonia e a perfeição de todas as coisas forem obtidas sob a chefia de Cristo, a Cabeça, não somente da Igreja, que é o seu corpo, mas também de todas as coisas, tanto as que estão no céu como as que estão na terra. — Efésios 1:10

Cristo Jesus foi o "princípio", a "cabeça", "a pedra principal", "a principal (superior) pedra angular" deste grande edifício que está apenas iniciado. Toda pedra que for colocada debaixo desta, precisa estar em harmonia com as linhas e os ângulos da superior. Não importa quantos tipos de pedras haja nesta estrutura, nem quantas naturezas distintas se encontrem entre os filhos de Deus, terrestres e celestiais, todos para serem eternamente aceitáveis a Ele, devem estar em conformidade com a imagem de Seu Filho.

Todos os que hão de compor este edifício devem participar do espírito de obediência a Deus, de amor a Ele e a todas as suas criaturas, (grandemente exemplificado por Jesus), em cumprimento da lei – Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo.

De acordo com o esboço apresentado na Palavra de Deus com respeito à convergência de todas as coisas, tanto celestiais como terrestres, sob uma só cabeça, em seu processo de seleção, Cristo Jesus, a Cabeça, foi o primeiro. Em seguida a Igreja, que é seu corpo. Os anjos e as demais classes espirituais vindo logo depois. Em seguida os patriarcas, os profetas e o mundo. Começando pelos mais elevados, a ordem prosseguirá até que todos aqueles que *desejarem* tenham sido postos em harmonia e unidade.

Uma peculiaridade é que esta pedra provada, principal e angular posta em cima, lançada primeiro, é chamada de pedra *fundamental.* Isto ilustra o fato de que o fundamento de toda esperança para com Deus e da justiça está colocado, não na terra, mas no céu. Os que edificam debaixo dela e se unem a este fundamento celestial, são mantidos juntos a este por meio das leis de atração celestiais. E ainda que esta ordem seja exatamente oposta ao que é observado nas estruturas terrestres, quão apropriado é que a pedra, em cuja semelhança tem de ser construído todo o edifício, seja colocada primeiro. Também, quão apropriado é que encontremos nosso fundamento em cima e não embaixo, e que assim nós, como pedras viventes, venhamos a ser edificados nele em todas as coisas. Assim irá progredir a obra durante a Era Milenar, até que toda criatura, de toda natureza, no céu e na terra, venha a louvar e servir a Deus de acordo com uma linha de conduta e obediência perfeitas. O universo então estará limpo, pois nesse dia "acontecerá que toda a alma que não escutar esse profeta será exterminada dentre o povo" - na segunda morte. — Atos 3:22, 23

A mesma lição destacada na Tabela das Eras é ensinada aqui neste tipo divinamente planejado, cujas lições, em outro livro, [*Sombras do Tabernáculo* - já publicado em português] examinaremos mais amplamente. Pusemos a Tabela do Tabernáculo ao lado da Tabela das Eras para que seja devidamente notado que os diferentes planos ou níveis para o Santo dos Santos ensinam os mesmos passos já examinados detalhadamente. Fora do átrio do Tabernáculo se encontra o mundo inteiro no pecado, no plano de degradação **R**. Ao entrarmos pela "porta" para o "átrio", chegamos a ser crentes ou pessoas justificadas, no plano **N**. Os que prosseguem na consagração, se apressam para a porta do Tabernáculo, e entrando nele (plano **M**), tornam-se sacerdotes. São fortalecidos com os "pães da proposição", iluminados pelo "candelabro" e habilitados para oferecer incenso no "Altar de Ouro", tornando-se aceitáveis a Deus por meio de Jesus Cristo. Finalmente, na primeira ressurreição, entram para a condição espiritual perfeita, ou para o "Santíssimo" (plano **L**) para estarem associados com Jesus na glória do reino, plano **K**.

"Escreva Claramente a Visão em Tábuas, Para Que Se Leia Facilmente."
- Habacuque 2:2 NVI

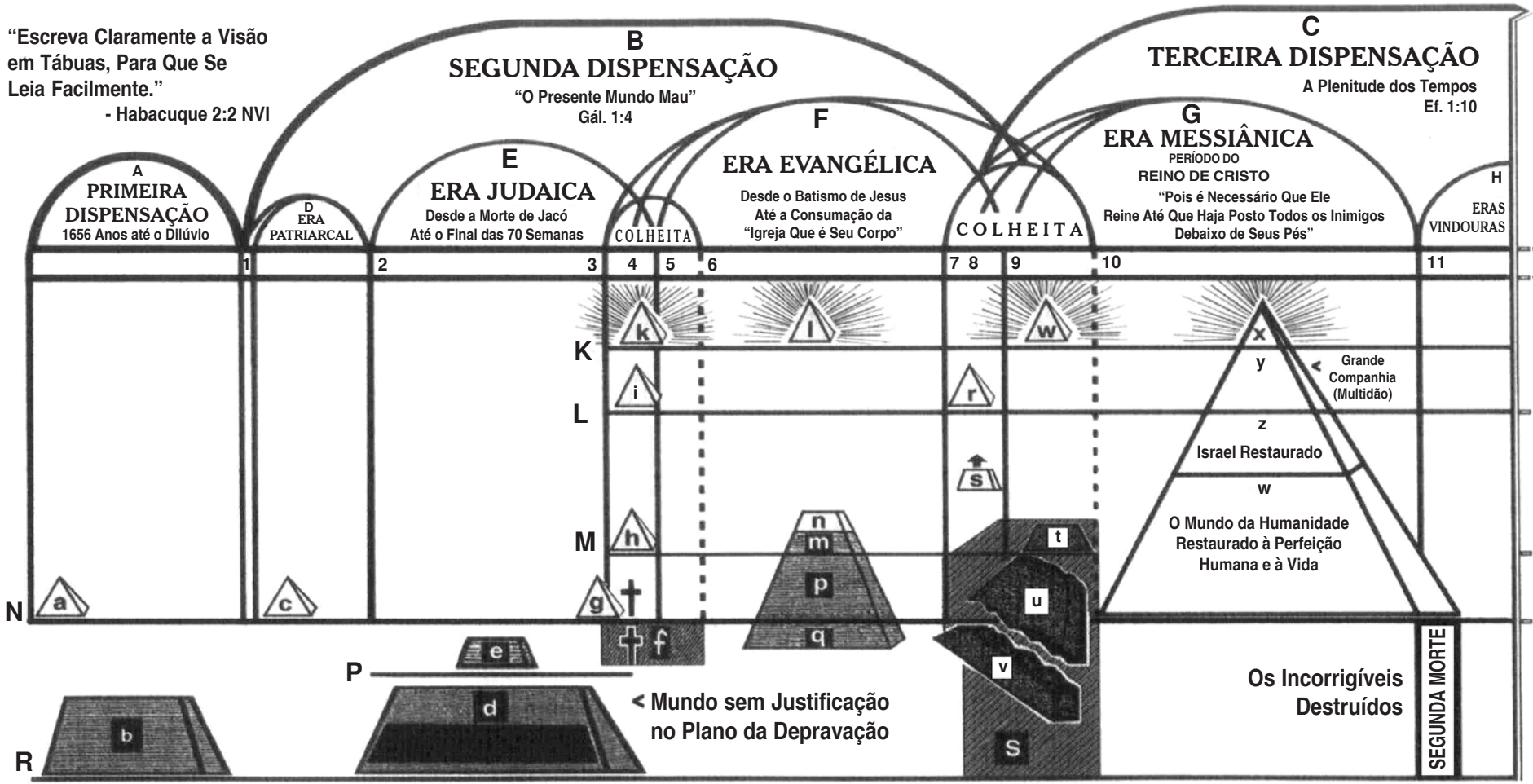

TABELA DAS ERAS

ILUSTRANDO O PLANO DE DEUS PARA TRAZER MUITOS FILHOS À GLÓRIA E SEU PROPÓSITO

"Para a Dispensação da Plenitude dos Tempos, de Fazer Convergir em Cristo Todas as Coisas, Tanto as Que Estão nos Céus Como as Que Estão na Terra." - Efésios 1:10 AL21

O TABERNÁCULO NO DESERTO A Harmonia dos Seus Ensinos

Seus ensinamentos estão em harmonia com a Tabela das Eras, e mostram os mesmos PASSOS necessários para se sair do pecado e ir para a GLÓRIA.
O terreno sobre o qual se encontrava o Tabernáculo era considerado como "Santo". Quanto ao de fora do Átrio não era santo, e portanto, corresponde ao plano da depravação ou falta de justificação na Tabela das Eras. A parte que formava o ÁTRIO está em paralelo com o plano da justificação ou PERFEIÇÃO HUMANA. O "Santo" representa a condição dos cristãos consagrados, gerados do Espírito. O "Santíssimo" mais além do segundo Véu, representa a PERFEITA CONDIÇÃO ESPIRITUAL, quando seremos semelhantes a ELE. O plano da GLÓRIA se encontra, porém um passo adiante no caminho para o ponto culminante de nossa esperança: "GLÓRIA, HONRA E IMORTALIDADE."